

INÉDITOS DE TRINDADE COELHO COM INTERESSE ETNOGRÁFICO

POR

Viale Moutinho (*)

Ao dr. Joaquim Manuel Rebelo.

Coube a J. Leite de Vasconcelos assinalar, e cuidou que pela primeira vez, o interesse de Trindade Coelho pelas tradições populares e a sua utilização nos contos. No volume IV de Ensaios Etnográficos (Lisboa, Livraria Clássica, 1910), o Mestre inventaria as principais pistas de cada um dos textos de Os Meus Amores. Porém, quando se refere a À Lareira excede-se em entusiasmo: «Conto notável pela abundância de referências a tradições populares. O autor quis visivelmente fazer com ele um artigo de folclore, pois transcreveu adágios, adivinhas, rimas infantis, loas, orações, ensalmos, e mencionou superstições, como a de transferir para outrem as frieiras, e a de ser o morrão, ao espirrar, sinal de chuva. Em certa altura intercalou mesmo uma história tradicional.» Aliás, logo na abertura do capítulo da obra a que nos referimos, Leite de Vasconcelos indicava a obra do seu antigo condiscípulo e amigo de sempre como repertório de «incalculáveis riquezas etnográficas». Todavia, consideremos um pormenor, aparentemente de somenos importância. No comentário que faz aos contos, o autor de Etnografia Portuguesa especifica que se trata da 3.^a edição da obra. Em 1891 saiu a 1.^a ed. de Os Meus Amores, sucede-lhe a reedição, sem se verificar nesta qualquer alteração dos textos. Porém, em 1901, após diversas e demoradas diligências do escritor, surge a 3.^a edição, bastante modificada,

(*) Investigador. Sócio efectivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e director da Associação Portuguesa de Escritores.

Apartado 699 — 4012 Porto Codex — Portugal.

com supressões e acrescentos. É nestes textos novos que se verifica maior número de pistas etnográficas. Inclui mesmo três versões eruditas de contos populares num sector designado por Amorzinhos, complementado com a reformulação de uma fábula de Esopo, que já circulara como o primeiro dos anónimos Folhetos do Povo de que o contista se serviu na sua cruzada cívica em prol da alfabetização do povo da sua terra — Parábola dos Sete Vimes.

Na relação das Obras do autor, nas primeiras páginas do livro A Minha Candidatura por Mogadouro (Costumes Políticos em Portugal), editado em 1901, Trindade Coelho anunciava, através da rubrica Tradições e Etnografia: «In illo tempore, costumes e recordações da vida académica de Coimbra» e «O Senhor Sete, tradições populares da terra do autor» em via de publicação, e ainda «As Terras de Bragança» em preparação. É esta a primeira vez em que o autor mostra intenções de passar para livro as suas colaborações dispersas por jornais e revistas em que é patente o interesse etnográfico. Em correspondência, parcialmente inédita, ao editor e bibliófilo elvense Torres de Carvalho, tomámos conhecimento de que, neste mesmo ano de 1901, In illo tempore esteve a ponto de sair em Elvas. Recorde-se que o director de O Elvense foi quem publicou a maioria dos opúsculos do etnógrafo A. Tomás Pires. Porém, a edição das memórias coimbrãs tinha um fôlego incompatível com a artesanania do editor Torres de Carvalho, pelo que o livro apenas saiu em 1902, pela Livraria Aillaud & Cia., Paris-Lisboa. O Senhor Sete, por seu turno, apenas seria editado em 1961, no ano do centenário do nascimento de Trindade Coelho. Augusto da Costa Dias procedeu à recolha dos artigos dispersos por jornais e revistas como A Tradição, Tribuna e outros, ordenando-os e enriquecendo o volume com uma série de textos sobre literatura. Aparentemente, O Senhor Sete estava pronto em vida do seu autor, mas tal não acontecia — a menos que se tivesse perdido o manuscrito definitivo.

E temos A Terra de Bragança que deveria corresponder a mais um maço de dispersos, a que Trindade Coelho não deu corpo nos sete anos que se passaram até ao seu suicídio, em Agosto de 1908. A verdade é que o autor passou esse tempo entre o agravamento progressivo da sua neurastenia, os dissabores causados pela sua demissão de magistrado e impossibilidade de nível de vida compatível com a dignidade que lhe cabia, a par das tarefas jornalísticas e em livro, produzindo, para além de obras de Direito, o Manual Político do Cidadão Português, no culminar de um itinerário iniciado com os Folhetos para o Povo e o ABC do Povo. Na Ilustração Trasmontana de 1908 ainda assinalamos o recontar de uma história tradicional bragançana, Abre-te, ziombre!, que pela sua exemplaridade

recolhi na minha colectânea de Contos Populares Portugueses (*Mem Martins, Publicações Europa-América*). Mas há mais dispersos publicados e, recentemente, no espólio de Trindade Coelho, existente em Bragança, no Museu do Abade de Baçal, encontrei um conjunto de dezoito páginas pautadas com um manuscrito não assinado, mas indubitavelmente da autoria do contista de *Os Meus Amores*.

Pela sua leitura, verifica-se que este manuscrito se refere a Mogadouro, à Terra de Miranda, fornecendo algumas indicações sobre costumes de terras limítrofes, apresentadas como termo de comparação. O ramo cantado, por exemplo, caiu totalmente em desuso, mas as demais rubricas são ainda detectáveis na região, com especial destaque para aquelas menos espectaculares — caso das rezas e do botar dos papelinhos e dos ovos. Verifica-se uma nota de autor no primeiro dos textos e que a rubrica *Contra as quebraduras dos meninos* não foi redigida, encontrando-se inserida nas páginas referentes ao S. João. Trindade Coelho deve ter escrito isto pouco antes de desfechar um revólver contra o seu coração. Aliás, este é o único manuscrito inacabado que se conhece da sua maturidade. Escassos comentários comparativos ou minimamente científicos o escritor fazia acompanhar o resultado das suas observações. E dos seus inquéritos por interposta pessoa. Em devida altura revelaremos os postais de Trindade Coelho para o seu parente António de Albuquerque, que vivia em Mogadouro e a quem ele significativamente dedica o conto *À Lareira*, nos quais se poderá descobrir uma notável muleta para as memórias da infância e já de 1884, da juventude, de um dos nossos melhores contistas rústicos e obscuro colector de minúcias bragançanas de interesse etnográfico ⁽¹⁾.

(1) Ferreira Soares, num artigo sobre Trindade Coelho («Lusa», Viana do Castelo, n.º 35, de 15/8/1918) dá-nos notícia do escritor a veranejar em Espinho, agindo com aquilo que poderíamos chamar de *interesse etnográfico*: «...por ali o vimos muita vez rondando encarniçadamente os grupos de vareiros e vareiras que renhiam suas questiúnculas ou se confidenciavam os *casos* das suas *vidas*... Era de ver a ronha com que, despercebido, se colava a esses tipos do povo, ora simulando ler, muito absorvido, um jornal ou um livro, ora *perdendo* ali no chão qualquer objecto minúsculo, que demandava demorado rebuscar... Tudo traças do seu empenho em não parecer escutar, para que os exemplares estudados não desnaturassem o seu falar e maneiras, se se percebessem olhados. Iamos jurar que o escritor apontava no papel as frases e descrevia as atitudes que assim *caçava* à custa de trabalho beneditino». É bem possível que venha a encontrar algum texto de Trindade Coelho sobre os vareiros, pois ele tratou temas de etnografia de diversos outros pontos geográficos do país que não apenas os bragançanos. Veja-se o caso concreto da descrição «A procissão da Saúde», festa bem lisboeta, em «Branco e Negro», de 26 de Abril de 1896. Mas muitos outros exemplos há.



Hélog. Dujardin.

Trindade Coelho

Trindade Coelho (1861-1908)

OS INÉDITOS

O ramo cantado

O *ramo cantado* é um dos mais singulares atractivos das festas religiosas a Nossa Senhora. Não se canta o ramo em todas as festas, isto é, o ramo não é parte obrigada em tais solenidades. Mas quando a festa é mais *puxada*, por devoção de certos juizes e mordomos, ou simplesmente por despique e rivalidade com os juizes e mordomos dos outros anos, aparece o *ramo cantado*.

O *ramo* é uma espécie de andor, em pirâmide, arranjado com verduras e flores, e constituído de ramos menores, que se separam, enfeitados de doces, frutas, pão leve, bolos de leite, amêndoas de açúcar, rosquilhas, etc. (As rosquilhas aparecem às vezes em forma de escadinha de mão, mas em regra são redondas, e as melhores são as de *terra de Miranda*. Das amêndoas, as melhores são as de Moncorvo, grandes e em bicos rombos).

O ramo é arrematado em leilão no fim da festa, e em partes separadas, pelas *donzelas* que o cantam, e mais pessoal, que apregoam cada ramo por sua vez.

A *coroa* do ramo, isto é, a parte superior, é sempre a peça de mais valor, e em regra é arrematada pelos rapazes mais *puxados* da terra, que a elevam muitas vezes a bom preço.

Os *ramos* são de oliveira, buxo ou murta, em cujas hastes e folhas se prendem os doces e as frutas, que deles ficam pendentes.

Enquanto dura a festa de igreja, o ramo aguarda cá fora, debaixo do alpendre ou no adro. Mas terminadas a festa, isto é, encerrado o sacrário à volta da procissão, procede-se à cerimónia do *ramo cantado*, que é primeiro oferecido à Virgem e só depois leiloado, revertendo o produto da arrematação para o culto da mesma Virgem.

A oferta do ramo tem, porém, o seu cerimonial, e entram nele *dois terços*, cada um composto de 3 raparigas donzelas; um homem que se chama *a contra*, finalmente, do chamado *Anjo* ou *Embaixador*. A *oferendedeira* tem por missão especial oferecer ao Pároco uma peça do ramo, chamado *oferta*.

O cerimonial do «ramo cantado» consiste no seguinte.

À porta da capela ou igreja, o ramo em andor está às costas de 4 rapazes, rodeado por aquele pessoal.

O povo enche a capela ou igreja e chega ainda para a grande escolta do ramo, cá fora. Logo que o respectivo Pároco toma assento na cadeira

paroquial, que fica em regra no corpo da igreja, do grupo do pessoal do ramo destaca-se o *Embaixador* — vestido à antiga e com sabor guerreiro: calção, capa, chapéu emplumado, espadim, e *perna ligada* — e dirigindo-se aos da comitiva fala-lhes em verso desta forma:

*Já chegámos à igreja
Com prazer e alegria:
Vamos oferecer o ramo
À sempre Virgem Maria.*

*Núncio sou dum Deus supremo,
Ao mundo sou enviado
Para nele ser estimado
Como coisa sem extremo.*

*Celebrai, pois, ó devotos,
De tal sorte esta função,
Que vos não falte a modéstia
O fervor e a devoção.*

*E se à Virgem dirigis
A vossa terna homenagem,
Eu vou pedir-lhe vos dê
Até seu trono passagem;*

*Juntamente, a quem governa
Nesta função e igreja,
Pra que o Vosso externo culto
Do seu bom agrado seja.*

*Tende, pois, enquanto eu volto
As alampadas ardentes,
Porque há a diferença nas virgens
Entre as loucas e as prudentes.*

*Se tiver, como espero,
Bom despacho e requerimento,
Esp'rai que torne a voltar
Sem diferença dum momento.*

Em seguida, o Embaixador entra na igreja, e dirigindo-se para a cadeira paroquial, onde o Pároco está sentado, de sobrepeliz, barrete e estola, pára defronte e diz-lhe assim:

*Benemérito e digno Pároco
Desta paróquia e igreja,
Para amparo de indigentes
Vossa vida eterna seja!*

*Por mandado das devotas
Licença pedir-vos venho,
Da vossa condescendência
Fundadas esperanças tenho.*

*Mostrai-me vossa vontade
Por palavras ou por escrito,
Que faça fé às devotas
Vossa palavra e meu dito.*

*Já vejo que diz que sim,
Porque quem cala consente:
Entrai, devotas, cantando
Pelo meio dessa gente.*

Dirigindo-se a Nossa Senhora, no seu andor ao pé do altar, diz-lhe:

*Avé Maria de graça,
Avé Virgem gloriosa
Que mereceste a dita
De ser do paraíso rosa.*

*Desta missão incumbido,
Como pronto, embaixador
Vou dizer o ramo cantem
Em vossa honra e louvor.*

Em seguida, o Embaixador segue para a porta da igreja, onde as donzelas aguardam a resposta, e diz-lhe do limiar:

*Entrai, donzelas, cantando
Por essa capela acima,
Passai a vossa vergonha
Que eu também passei a minha.*

*Começai já sem demora
Vossa alegre melodia
Em louvor da Virgem Santa
Jesus, José e Maria.*

Vestida de branco, entra, porém, primeiro, a *oferendedeira* que leva nas mãos a oferta para o Pároco ⁽¹⁾ e também outra para Nossa Senhora: uma flor artificial ou mesmo uma vela, ou uma vela enfeitada com uma flor. Dirigindo-se ao Pároco, diz assim:

*Reverendíssimo senhor,
A quem humilde respeito,
Pedindo-vos atento escute
Das devotas o conceito.*

*Elas querem os seus cultos
À Virgem vir tributar,
Pedindo-lhes se digne ser
Nosso anjo tutelar.*

*E para mais pronto achar
Do seu bom agrado senhas,
Aceite-me este presente
Em dádivas quebrantam penhas.*

*Seja servido aceitá-lo;
Não é centeio nem trigo;
Se o não quiser todo, todo,
Faço-o em sortes comigo!*

Entregue a oferta ao Pároco, a *oferendedeira* vai oferecer a Nossa Senhora a que é para ela, e diz:

*Sobre mim inocentinha,
Desce ó Virgem teu olhar,
Minha oferta pequechinha
Vem, terna Mãe, alcançar.*

(1) Costuma ser um *pão leve* enfeitado de amêndoas doces, numa bandeja.

Depõe-lhe o ramo no andor, e logo, ao fundo da igreja, assoma, entrando, o préstito do ramo: na frente o Embaixador, as 6 donzelas com o *contra*, e atrás, aos ombros de 4 rapazes, o andor. A certa altura da igreja ou capela, o préstito pára, e é então que o 1.º terno ou grupo de 3 donzelas, começa, acompanhado do *contra*, a cantoria. Dizem assim os versos:

*Sois lírio cheiroso
Plantado em ribeira,
Em campo formoso
Formosa oliveira...*

*Quanto o mar abraça,
Quanto o sol rodeia,
Cheia sois de graça,
Sois de graça cheia.*

*Entre espinhos rosa,
Lírio junto d'água,
Sois toda formosa,
Em voz não há mágoa.*

Canta o 2.º terno, avançado:

*Sois a açucena mais pura
Que Deus no jardim criou,
Para ser feliz sacrário
Onde o Deus-Verbo encarnou.*

*As belezas que o bom Deus
Pelo mundo repartiu,
Em vós se encerram, Senhora,
Em vós é que se reuniu.*

*Vós que fostes escolhida
Por esse divino amor
Para trazer em vosso seio
Jesus Cristo redentor.*

Depois disto, cada uma das donzelas avança a oferecer à Virgem a sua vela ou a sua flor, dizendo-lhe a seguinte *lôa*:

A primeira:

*Salvé mil vezes salvé,
Dos céus ó astro luzente,
Virgem santa imaculada,
Filha e mãe do Omnipotente.*

A 2.^a:

*Ante vós, rainha excelsa,
Mãe clemente e carinhosa,
Minha oferta apresentar-vos
Venho humilde e respeitosa.*

A 3.^a:

*A minha oferta é mesquinha
Mas compensa a devoção
Com que venho recordar-vos
Santa filha de Leão.*

A 4.^a:

*De colher alguma flor
Dia nenhum deixarei,
E com ela a vossa frente,
Virgem Santa, cingirei.*

A 5.^a e última, porque a outra, a 6.^a foi a *oferendedeira*:

*Tão grata me fora a vida
Entre sarças espinhosas!
Se por vós aceite fosse
Fôra brotada de rosas.*

Correr a rosca — Depois do ramo cantado, e enquanto se procede ao seu leilão, é costume em algumas terras *correr a rosca*. São corridas ao desafio, entre mulheres: as casadas desafiavam as solteiras, ou vice-versa; casadas; casadas desafiavam casadas; solteiras desafiavam solteiras.

A *meta* é uma rosca (pão doce) segura no ar por outra mulher: das que correm em desafio, a primeira que lhe toca é a que vence. Esta ganha a rosca, e a que perde dá-lhe dez reis. A vencedora tem de correr com outra.

Se no arraial há espanholas, as portuguesas desafiavam-nas.

Domingo de Páscoa

Na madrugada de domingo de Páscoa, é costume começarem os sinos a tocar ainda de noite, pois é crença que o primeiro rapaz que os tocar descobre um ninho de perdiz.

Dá isto em resultado que os rapazes disputam a valer a subida à torre do campanário, com o sentido no tal ninho, madrugando cada um o mais que pode.

E de facto, acontece às vezes que o encontram, — mas isso, já se vê, porque vão... procurá-lo!

Rezas

Quando se põe a galinha no choco. — A S. Brás contra as dores de peito e garganta.

Quando as mulheres põem uma pita (galinha) nos ovos para os chocar, dizem esta oração:

*Aqui boto esta pita
Em louvor de Santo Amador,
Que todos saiam frangas
Só um galo cantador.*

Outra:

*Aqui boti esta pita
Em louvor de S. Benedito,
Que saiam todos frangas
Só um galo bem bonito.*

A S. Brás, contra as dores de garganta e peito, reza-se esta oração:

*Ó Brás divino e santo,
Enchente de graça tanta,
Sêde nosso advogado
Em dores de peito e garganta.*

Rezas

— Para beber as bebidas —

Por aqui passam Santa Luzia,
Três novelos em mãos trazia,
Com um nozão, com outro tapado,
Com outro as bebidas defugia.
Em lavor de Santa Luzia
Um Padre, Nossa e Ave-Maria.

* * *

Luzia protizosa,
Assombro de caridade,
Remedio copioso,
Dae-nos virta e claudete.

Aqui passam Santa Luzia,
Três livros em mãos levava,
Um por vida rezava,
Outro por vida lia,
Outro com que as bebidas curava.

Depois de dizer estas orações, a benzedeira faz umas cruzes
sobre o olho doente, e termina por lhe ditar uns «pro-
simhos» de amassar-candi.

Para benzer a erisipela:

— *Donde vens tu, Pedro Paulo?*
— *Venho de Roma, Senhor*
— *Que viste por lá de novo?*
— *Morre muita gente de erisipela e erisipelão.*

— *Torna atrás, Pedro Paulo*
Com azeite de candeia
E com a espiga do pão,
Benze, cura e faz
E este mal curarás,
Adiante não irás.
Em louvor da Virgem Maria
Um Padre-Nossa e uma Avé-Maria.

A cerimónia das cruces é obrigada a uma espiga de pão molhada em azeite.

Para benzer as bebidas:

Por aqui passou Santa Luzia,
Três novelos na mão trazia,
Com um urdia, com outro tapava,
Com outro as bebidas desfazia.
Em louvor de Santa Luzia
Um Padre-Nosso e Avé-Maria.

*

* *

Luzia prodigiosa,
Assombro de castidade,
Remédio copioso,
Dai-nos vista e claridade.

Aqui passou Santa Luzia,
Três livros na mão levava,
Um por onde rezava,
Outro por onde lia,
Outro com que as bebidas curava.

Depois de dizer estas orações, a *benzedeira* faz umas cruces sobre o olho doente, e termina por lhe deitar uns «pósinhos» de açúcar-candi.

Contra as trovoadas

A Santa Bárbara:

*Santa Bárbara bendita
Que no céu estais escrita
Com papel e água benta,
Livrai-nos desta tormenta.*

Responso

*Santa Bárbara se vestiu e se calçou
Ao caminho se botou,
Jesus Cristo lhe disse:
— Tu, Bárbara, aonde vais?
— A amarrar as trovoadas.
— Amarra-as bem amarradas,
Lá prá serra do Marão,
Onde não haja vinho nem pão,
Nem cordeirinhos a mamar,*

*Nem tenreirinhos a berrar,
Onde só haja uma serpente
Que tenha 27 filhos
Que não tenha que lhes dar
Senão água de trovão
Que é leite de maldição.*

*

Quando *atroá*, há também o costume de acender uma vela, que deve ser de cera, a Santa Bárbara, ou então uma candeia de azeite.

Também se acende nessas ocasiões um pedaço do cepo que ardeu à lareira na noite de natal.

Há também o costume de defumar a casa com ramos bentos de domingo de ramos: rosmaninho, alecrim, buxo, oliveira, etc.

No intuito de *espalhar a trovoada*, há também o costume de *botar o santinho fora*, em regra é Santo António, cujo rosto se volta para a nuvem escura, que a vista do Santo desfaz...

Para benzer a água

Quando no campo se encontra água, na dúvida se será boa para beber, é costume benzê-la primeiro, rezando ao mesmo tempo esta oração:

*Aqui passou Nossa Senhora,
Com o seu livrinho na mão,
Se esta água tiver peçonha
Livrai-ma do coração.*

Da água corrente não se desconfia: — «Água corrente não mata gente».

S. João

Na noite de S. João, costumam «botar-se os papelinhos». Este costume popular consiste no seguinte. As raparigas casadouras fazem uma porção de bilhetes, cada um dos quais com o nome dum rapaz da sua simpatia, e deitam os bilhetes (*botam os papelinhos*) num copo de água. À meia-noite em ponto, esse copo é colocado à janela ou na varanda da casa, de modo a poder receber o orvalho da noite, e a isto chama-se pôr o copo a *serenar*.

Os bilhetes devem ser dobrados com duas dobras, em cruz; e aquele que aparecer de manhã aberta à tona de água é o que designa o noivo que S. João escolheu, e que o rapaz cujo nome lá está escrito. Este fica sendo então o eleito (o *namorado*, o *esposado*) da rapariga.

Acredita-se nisto como coisa certa; sendo assim, com efeito, que muitos namoros principiam, os quais, mercê da virtude de S. João, acabam... no casamento!

A operação é recíproca; isto é, os rapazes também «botam os papelinhos».

A «noite de S. João» é a da véspera do dia deste santo: isto é, 23 de Junho.

«Botar os ovos»

A operação de «botar os ovos» tem por fim saber a sorte das pessoas a quem se dedicam, pois destinam-se sempre a certas e determinadas pessoas. Consiste no seguinte. À meia-noite em ponto, na véspera de S. João (noite de 23 para 24 de Junho), quebra-se um ovo dentro dum copo de água, e põe-se este ao relento, numa janela ou varanda, a *serenar*. A *gema* do ovo precipita-se para o fundo do copo; mas a *clara*, essa como que se esfarrapa no volume da água formando os seus filamentos figuras caprichosas que se distinguem através do copo: qualquer coisa como um navio, uma torre, um castelo, etc. É essa figura o que representa o destino da pessoa que se tem em mente, e à qual o ovo é dedicado. Assim, se a figura representa um navio, ou ao menos uma coisa que a ele se assemelha, essa pessoa tem de embarcar, ser homem do mar ou coisa que o valha. Se é uma igreja «o que vem», a pessoa tem de ser padre, por exemplo... Se é um castelo, tem de ser guerreiro ou seguir a sorte das armas, etc., etc.

Cinco réis

Na noite de S. João, atiram-se *cinco reis* para uma fogueira. Depois, a pessoa que os atira passa duas vezes em cruz por cima da chama e diz:

*S. João de Deus amado,
S. João de Deus querido,
Deparai-me a minha sorte
Que Deus me tem prometido.*

No dia seguinte, dão-se aqueles 5 reis a um pobre do sexo contrário, e pede-se-lhe o nome: o nome do pobre é o da pessoa com que tem de casar o que lho pergunta.

O ramo de Santa Maria

Santa Maria é o nome duma planta que dizem viver do ar, pois que mesmo em casa vegeta, ainda depois de cortada. Na manhã de S. João é costume colher um ramo dessa planta, e, levando-o para casa, atar-se com um fio e dependurar-se.

Esta operação é geralmente dedicada a pessoas da família, que estão ausentes: — se a planta se conserva verde, e cria rebentos, sinal é que vai bem a vida a essa pessoa, e que a fortuna lhe corre propícia. Mas se, pelo contrário, a planta definha e seca, é contar que essa pessoa tem revezes na sua vida.

Contra as quebraduras dos meninos

.....

À dr.^a Maria Alcina Afonso dos Santos, directora do Museu do Abade de Baçal, os meus agradecimentos pelas facilidades concedidas.